

A mãe-morta-em-vida e o *self-made baby*

Paulo Fernando Monteiro Ferraz¹

RESUMO

O conceito heurístico de mãe morta, elaborado por André Green, alude a um estado de desligamento afetivo que acirra a sensação de desamparo originário do bebê. Algum acontecimento, concreto ou não, passa a desvitalizar as qualidades inerentes à figura materna, tornando-a distante e fonte de angústias crescentes. A partir daí, a felicidade experimentada até então pela dupla é posta em xeque e adquire tons funestos. Agora, o bebê, sem um continente seguro e disponível, passa a cuidar do objeto que deveria fazer isso por ele. Para sobreviver, cria – tomado por uma onipotência hipertrofiada pela aridez do ambiente – a ilusão de suprir a si próprio. Eis aí, diante de uma mãe-morta-em-vida, o nascimento do *Self-made baby*, um arremedo de ser que tenta animar-se e aplicar em si uma *rêverie sui generis*. Mais tarde, na análise, pela força da compulsão à repetição, tal clichê estereotípico tenderá a se reencenar na transferência: a desesperança de ontem estará novamente em cartaz no *setting*. Essas ideias são desdobramentos de alguns ensaios a partir do contato com a obra de André Green em comunhão com outros autores. **Palavras-chave:** Mãe-morta-em-vida. *Self-made baby*. Leite azul. Seio morto. Seio-cornucópia. Refração especular. *Selfless*. Sujeito-*save-from-myself*.

1 Psicanalista (CEPdePA – Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre). Psicólogo clínico. Mestre em Psicologia Social e Institucional (UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Especialista em psicoterapia psicanalítica (ESIPP – Estudos Integrados de Psicoterapia Psicanalítica). Professor. Foi um dos fundadores do curso de Psicologia na Faculdade FACTUM. Coordenador da Oficina de produção psicanalítica e literária (SPRGS – Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul). Membro efetivo da Academia de Letras do Brasil (ALB). Membro efetivo da Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves. Membro da Academia de Letras dos municípios do Rio Grande do Sul (ALMURS). Membro honorário da Associação de Jornalistas e Escritores do Brasil (AJEB). Atendo em consultório privado. E-mail: paulovortex@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

“Não há melhor maneira de abrir o apetite de um leitor do que lhe dar a farejar uma orgia de leitura.”

(Daniel Pennac)

Quem seria o bebê de uma mãe morta? Encontrei em Green a tinta para minha escrita, e foi o tom azul, e não o verde, que prevaleceu nas conjecturas seguintes. O texto *A mãe morta* havia sido lido, mas, por algum motivo, eu ainda permanecia estaqueado nele. Comecei a perceber que ali estava a chave para entrar em um observatório. Queria olhar para outras latitudes e dar altitude a uma impressão. Os livros nos legam a vontade fanal de transmitir a todos os ventos uma ideia luminosa, mesmo que possa parecer estapafúrdia. Escrevi esse artigo na ponta dos pés, saindo de cena.

A batalha começa com o desejo de aprender e com a liberdade de criar. O mundo inteiro se concentra nas páginas dos livros. Nem sempre é fácil, mas o esforço que impomos contra a ignorância tem o gosto de outras vitórias que se somam à de entender as complexidades de uma teoria, por exemplo. Às vezes, as páginas têm pés de chumbo e empurram uma a outra com dificuldade. Com a perseverança, as construções frasais, o estilo e grande parte dos meandros e arranjos prosaicos dos autores começam a ser conhecidos em sua essência. Ao menos, é o que supomos ou o que nos parece, depois de um tempo. Sabe Deus as horas investidas em passar dessa etapa para a de reconhecer e fazer deslizar os conceitos com a fluidez que se espera tanto no discurso quanto na clínica. Dentro de mim, à semelhança das crianças que se empolgam com as histórias que escutavam dos pais, algo grita: *quero mais! Repita e avance*. Eis o grande impulso, o único que conduz à escrita: ir adiante, desferrolhar os enigmas e compartilhar as leituras e as experiências com audiências imaginárias e reais. A escrita é a prova de amor infatigável ao leitor e ao nosso ofício.

Passada a fase do “flagelo” das leituras iniciais, surge o armistício. A liturgia de estudos, a disciplina, os zigzagues em busca de compreensão e as apostas valeram a pena: enfim, encontramos uma voz para contar, à maneira de Marco Polo a Kublai Khan, as maravilhas de nossas aventuras e intercâmbios. Foi nessa trégua que assisti à aparição silenciosa da mãe-morta-em-vida e do *Self-made baby* na folha branca.

2 A MORTA-EM-VIDA E O SELF-MADE BABY

“O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá.”

(Italo Calvino)

“Na verdade, eu me achava junto à borda do indescritível vale das dores, de onde soavam infinitos ais.”

(Dante Alighieri)

“Todavia, a fim de evitar qualquer mal-entendido, esclareço que este trabalho não trata das consequências psíquicas da morte real da mãe, mas sim de uma imago que se constitui na psique da criança, em consequência de uma depressão materna, transformando brutalmente o objeto vivo, fonte da vitalidade da criança, em figura distante, átona, quase inanimada, impregnando muito profundamente os investimentos de certos sujeitos que temos em análise e pesando sobre o destino de seu futuro libidinal, objetual e narcisista. A mãe morta é, portanto, ao contrário do que se poderia crer, uma mãe que permanece viva, mas que está, por assim dizer, morta psiquicamente aos olhos da pequena criança de quem ela cuida.”

(André Green)

No útero, envolto em abstrações líquidas, tinha a carnadura das fantasias maternas e paternas. Quebrado o suspense e a curiosidade, agora, o recém-nascido, estrangeiro ao encaixe de amor, apresenta-se como ser real e diferente de todos os rascunhos que fizeram dele. As ficções cedem espaço aos fatos. E daí em diante, o que acontecerá?

As fotos do pequeno bebê o mostram no álbum da família, alegre, acordado, interessado, cheio de potencialidades, enquanto retratos posteriores testemunham a perda dessa primeira felicidade. Tudo teria terminado como nas civilizações desaparecidas, das quais os historiadores procuram em vão a causa da morte levantando a hipótese de um abalo sísmico que teria destruído o palácio, o templo, os edifícios e as habitações, das quais só restam ruínas. Aqui, o desastre limita-se a um *núcleo frio* que posteriormente será superado, mas que deixa a marca indelével nos investimentos eróticos dos sujeitos em questão (GREEN, 1988, p. 248).

A passagem remonta a captura da fugacidade de um momento cuja graça imperava. Em seguida, o esplendor foi suplantado por algum infortúnio² que mudou os ritmos que se inauguravam naqueles gestos cuidadosos e sensíveis. As criaturas risonhas e vivazes se transfiguraram em coisas definhantes. Perderam a espontaneidade. Ficaram indisponíveis, opacas, ressequidas. Tudo ao redor, empalidecido, tingido de azulada angústia. Antes que o vínculo fosse erigido em homenagem a Eros, os andaimes foram retirados. A obra parou e já a sua estrutura psíquica começou a se esfarelar e a se esburacar. O predomínio do princípio do prazer, eclipsado pelos desinvestimentos do objeto primário, passou instantaneamente para o de realidade. As afluências de subjetivação tomaram novos cursos pelas falhas da

2 Inúmeras são as razões: depressão puerperal, luto de entes queridos, separações conjugais, perda de emprego, mudança de *status* e das configurações familiares, doenças etc.

maternagem. Os fósseis de arqueologias pilhadas ainda podem originar narrativas?

Imagino o bebê do excerto da obra de Green (1988). Excluído de universos que se mostravam paradisíacos, entregue à hipótese real ou ilusória do que chegou a conquistar, aguarda algo que poderia adotar ou esquadrihar como futuro. Quer se apropriar do que insiste em durar em estados evanescentes, imateriais, descontínuos. À frente, depois do caos, o presente interrompido. Mal se enfiou com o borbotar das dádivas e já as extraviou. Incorporou apenas a sombra³ do objeto. Não o tateou o suficiente para criar representações simbólicas, ricas em sensorialidade. Evocou o contato com o corpo da mãe, a pontinha de prazeres ainda retidos em míseros engramas, e, lânguido de expectativas, reconstituiu o pouco de passado em modos de alucinação negativa. Feito arquiteto pelos próprios reveses, queria compactar, a partir do impulso demiúrgico de recriar o ausente ou inexistente, o pó, emanado das ruínas, para reconstruir todos os cenários devastados pelo sortilégio do inominado. Eis a representação de ausência de representação (GREEN, 2010).

3 SOBRE O DESPONTAR DO PENSAMENTO

Restringirei o termo “pensamento”, à união de uma pré-concepção com uma frustração. O modelo que proponho é o de um bebê cuja expectativa de um seio se une a uma “realização” de um não-seio disponível para satisfação. Essa união é vivida como um não-seio, ou seio “ausente”, dentro dele. O passo seguinte depende da capacidade de o bebê

3 “O investimento de objeto provou ser pouco resistente, foi suspenso, mas a libido livre não se deslocou para um outro objeto, e sim se retirou para o ego. Lá, contudo, ela não encontrou um uso qualquer, mas serviu para produzir uma *identificação* do ego com o objeto abandonado. Desse modo, a sombra do objeto caiu sobre o ego, que então pôde ser julgado por uma determinada instância como um objeto, como o objeto abandonado. Assim, a perda do objeto se transformou em perda do ego e o conflito entre o ego e a pessoa amada em uma bipartição entre a crítica do ego e o ego modificado pela identificação” (FREUD, 1917 [1915], p. 32).

tolerar frustração. Depende de que a decisão seja fugir da frustração ou modificá-la (BION, 1994, p. 129).

A pré-concepção do seio, profantasia filogenética, faz com que a boca anseie pela concepção que tem o apogeu na realização. E quando a realização é anômala? A cavidade bucal se depara com o seio morto, que entendo se articular como uma linguagem oriunda da parte necrosada da personalidade materna que contamina os elementos-alfa. Tal contato provoca a deformação da percepção, assim como a dificuldade de assimilação e fruição do seio bom, lançando, por conseguinte, o bebê à deriva e ao desligamento. Ele, como desbravador de regiões inóspitas na psique da mãe, fica condenado a marchar ao infinito, pois nunca encontra o que procura no outro.

Quando todas essas eventualidades representam evacuações do seio mau do tipo 'falta-do-seio', é claro que, se, no momento, ela não alcança, de fato, nenhum seio, sentirá o 'não-seio' não apenas como ruim em si, mas tornado pior, porque funciona como se constituísse a evidência concreta de que o seio ruim foi evacuado com êxito. Tal situação corresponde aquela em que o termo descritivo adequado para o objeto que a criança sentiu existente seria mais de um 'objeto bizarro' que o de um 'elemento-beta' (BION, 1966, p. 76).

Nessa digressão, concebo o seio morto como emblema de relações necrófilas, no sentido figurado, pautadas pelo narcisismo de morte. Seriam elos que inaugurariam a anobjetalidade ou a desobjetalização? O leite que verte do seio morto teria que característica? Eu o delinearía em tonalidades azuis. Sugá-lo catalisaria as ansiedades de aniquilação. Refiro--me ao leite azul como o veículo portador das toxinas alienantes, traumas, segredos e melancolias em estado bruto que, de forma

transgeracional, chegariam ao bebê. O leite azul só serviria à nutrição fisiológica, desacoplada de sintonia e *revèriè*. Talvez seja o leite carregado com os ingredientes pulsionais da rejeição, do ódio e da destrutividade. Na natureza, quase não existem alimentos com a cor azul, pois tendem a desestimular o apetite ou a gerar repulsa. Azul (*blue*) se associa à ideia de tristeza, pesar, luto e frieza.

A metáfora em questão intenta transmitir a impressão de que não há trânsitos emocionais significativos entre a mãe e o bebê. O não-seio, interpretado como objeto parcial monstruoso, estilhaçado, sem alma e rareado de alteridade, é diferente da “ausência” do seio, que parece promover, com a frustração, o pensamento. A concepção resultante da junção da pré-concepção com uma realização malograda converte-se em uma coisa, sem figuração, vegetativa, que existe sem o fazer de fato.

Diante disso, acrescento mais detalhes ao modelo teórico que visa a reunir diferentes maneiras de dar voz às experiências primitivas e convoco o seio fantasma. A referência, muito comum nos estudos neurológicos, deriva da ideia de *membro fantasma*. A pessoa que sofreu amputações pode experimentar as sensações irradiadas de uma parte do corpo faltante. A imagem do seio fantasma – quase a antropomorfização do inanimado – foi inspirada em uma construção de Nasio:

E é ali, fora do eu, no real, que a representação reaparecerá sob a forma de um fantasma. Diremos então que a representação foi foracluída, isto é, sobre-carregada, expulsa e alucinada. O fenômeno do membro fantasma ou do amado fantasma não se explica mais por uma simples negação da perda do objeto amado – braço amputado ou ser desaparecido – mas pela foraclusão da representação mental do dito objeto. Mas a impressionante afinidade entre essas duas alucinações fantasmáticas mostra ainda quanto a pessoa amada é, na verdade, um

órgão interno do eu tão essencial quanto podem ser uma perna ou um braço. Só posso alucinar essa coisa essencial, cuja privação transtorna o funcionamento normal do meu psiquismo (NASIO, 1997, p. 32).

O seio fantasma remete à ausência de espaço simbólico dentro da mãe. O bebê tem a concepção, mas a mãe-morta-em-vida não criou as potencialidades para a realização. O contato da boca com o seio fantasma equivale ao desencontro, ou seja, a nulidade, a indiferença, o vácuo, o vazio e a ausência como estandartes do fracasso do vínculo. Isso resulta nos *conteúdos homeless*, aludidos em uma vinheta clínica por Ferro (2011). São os conteúdos sem continentes. Desabrigados, não se constituíram como pensamentos. Formam a tela e continuam retidos como pré-pensamentos. Não chegam a se tornar algo que se ligue à representação palavra. Aquém da fala e de toda a polifonia, sem tradução no dicionário das relações, são sensações amplificadas de não-seio. A coisa que não encontra continente adquire o *status* de *homeless*, de indigência. É o conteúdo-Ulisses sem Ítaca e sem Penélope para esperá-lo. O pré-pensamento é potência de simbolização. Sem o contato com a função permanece como uma parte morta, desligada, enquistada no eu. Esse núcleo tece a mortalha de uma parte *homeless* do sujeito. Talvez seja o corpo estranho, o conteúdo *outsider* – o retorno do recalcado, o forasteiro, o estrangeiro – ou, ainda nessa lógica, o conteúdo-neologismo, inventado pela falta e pela perplexidade diante do não seio, o excedente do seio fantasma e do leite azul.

Não-seio, o que fazer? Bion (1994, p. 129) dá pistas: “Se a capacidade de tolerar frustração for suficiente, o não-seio se transforma num pensamento, e desenvolve-se um aparelho para ‘pensá-lo’.”. E se for insuficiente? Talvez surja um aparelho-coisa-em-si. Avariado desde a origem, sua mecânica catártica consistirá em transbordar e evacuar os pré-pensamentos? A prevalência do delírio se dará pelas limitações impingidas pelo ambiente? Essa experiência irromperá a linhagem de

seres “incorpóreos”, presos a um *Mythós* circular? Receberão o estatuto que lhes concederia materialidade ou estarão abandonados à afânise⁴? A culpa por terem sopesado desgraças, sobrevivido e ainda deverem um tributo ao objeto ausente, que não lhes forneceu o bastante para aparamentar a vida anímica, terá que consequências?

O que deveria ser um pensamento – um produto da justaposição da pré-concepção e a “realização” negativa – torna-se um objeto mau, indistinguível de uma coisa-em-si, e que se presta apenas à evacuação. Consequentemente, o desenvolvimento de um aparelho para pensar fica perturbado, e, em vez disso, dá-se um desenvolvimento hipertrofiado do aparelho de identificação projetiva (BION, 1994, p. 130).

A partir do mecanismo de identificação projetiva⁵, o bebê coloca no interior da mãe as sensações que o aterrorizam e aguarda que a qualidade de tais elementos seja modificada pelo seu aparelho psíquico. Essa forma primitiva de comunicação pressupõe e idealiza no objeto a capacidade incomensurável de conter e preservar em si as escoações e as quantidades ideomotoras de todas as ordens. E quando esse reservatório, vindo das geografias secretas da mente e do corpo materno, encontra-se obstruído ou atulhado pelo seu próprio narcisismo? Quando não há continente para que o bebê dramatize e deposite os conteúdos que lhe atormentam, que destinos terão as partículas de personalidade excindidas? Temos a máxima: o nascimento do bebê, se tudo corre bem, promove o emergir da maternidade. Penso que o bebê, em contato com o seio fantasma, como descrevi, depara-se com

4 Afânise, um termo cunhado por Lacan (1960) a partir da leitura de Ernest Jones, alude ao registro do desaparecimento do sujeito, enquanto sujeito dividido e desejante. É o sujeito desvanecido ante o objeto de desejo.

5 “A atividade que conhecemos como ‘pensar’ era, em sua origem, um processo para descarregar a psique dos acréscimos de estímulos, e seu mecanismo aquele, que Melanie Klein, descreveu como identificação projetiva” (BION, 1966, p. 46).

a escassez de espaço dentro do psiquismo do outro, agente das ações específicas, e não sabe se pode ou não nascer verdadeiramente e por inteiro.

Na posição esquizo-paranoide, os impulsos sádicos, desferidos em fantasia ao seio, encenam as ambivalências inerentes ao vínculo estabelecido entre o ambiente e o mundo interno. O que é expulso porta o mal-estar, o desprazer que chega às raias do intolerável por não ter nome ou representação. O pavor da aniquilação sombreia as introjeções e faz vicejar o ódio às realidades externas e internas. O bebê ataca o esboço ou o pictograma das próprias imagens. Ademais: “Os pictogramas (continuo me referindo ao visual, mas a mesma reflexão poderia se referir aos audiogramas, aos olfatogramas, e assim por diante) permanecem, é verdade, desconhecidos, mas podemos aproximá-los através de seus derivados narrativos.” (FERRO, 2011, p. 69).

Sob a própria pele, desfilam temores corrosivos. O bebê, com as impressões sensoriais estropiadas, tem como alternativa a hipertrofia da onipotência. O triunfo sobre o objeto advém como um recurso de autopreservação. Fustigado pelos perseguidores, sua faculdade de pensar fica comprometida ou hipotecada para que não entre em colapso total. Quando o aparelho que deveria se encarregar dos pensamentos está atrofiado ou entupido com dejetos psíquicos que se prestam apenas à evacuação, estamos diante de uma forma regressiva de vida.

Assim como as bactérias produzem esporos em ambientes inospitais, os bebês, contagiados pelo leite azul⁶, também o fazem com tímidas súplicas de existência. Apossam-se, de forma maníaca, da loucura (privada) do outro, driblam os flagelos e as torturas com resignação estoica e indulgência, suportam heroicamente as oscilações tectônicas de humores, assim como os cataclismos das realidades internas e externas. Enfim, tornam-se os guardiões das emanações da

6 “Dizemos, assim, que o leite é uma substância material que se relaciona com a alimentação e, presumivelmente, o trato digestivo o elabora. Consideramos, por outro lado, o amor como imaterial, embora comparável ao leite para o bem-estar mental da criança” (BION, 1966, p. 48).

pulsão de morte. Enceguecidos, tais bebês buscam apaziguar as fragilidades do objeto de amor para não se render ao fencimento. São os que não atrapalham e lidam, na solidão, com o aumento e a inervação das tensões com o próprio aparato motor. Descarregam, silenciosamente, as dores que os consomem. Green (2010, p. 301) explica que: “[...] o objeto absolutamente necessário à elaboração da estrutura psíquica deve se apagar. Ele deve se fazer esquecer como constituinte da estrutura psíquica [...]”. E quando isso dá de forma muito precoce? Talvez nos deparemos com o *Self-made baby*, o bebê feito por si mesmo.

Os processos de anabolismo e catabolismo das projeções, introjeções, reprojeções e reintrojeções instalam, liminarmente, as gradações que permitem diferenciar o côncavo do convexo, o acolhimento do desacolhimento, a aceitação da rejeição, ou seja, para resumir, a distinção entre continente () e conteúdo (). À falta de novas inscrições, o *Self-made baby* – aquele que, mais tarde, dará à pergunta *de onde vêm os bebês?* A mais improvável das respostas, a da partenogênese – repisa o mesmo trilhamento, só conhece as vias facilitadas que redundam no seio morto e fantasmagórico, no leite azul e na mãe-morta-em-vida. É um ciclo de metabolismo masturbatório, pois “não há” objetos que forneçam aos pensamentos a aptidão e o crepitar da sexualidade e da criatividade: está entregue à esterilidade de si mesmo. Com o pouco que lhe concederam, precisa edificar um modo de subsistir. No porvir, poderá ser o que acredita na premissa obsoleta da geração espontânea ou abiogênese, porque, em seus registros, a marca de ter-se formado a partir da candura e da pureza atribuída, em fantasia, às matérias orgânicas ou às inorgânicas ganhará crédito e relevância.

O eu historiador e epistemológico do *Self-made baby* poderá conferir a sua filiação a uma mãe sem desejo. Ao sacralizar a genealogia, acha que foi fruto de um objeto virgem, imaculado. Nasceu de relações amorosas inorgânicas, inertes, assépticas e antipáticas? Veio da “antimatéria”? Curioso, tenta buscar provas que possam corroborar e atestar se foi ou deixou de ser o resultado do desejo amoroso de al-

guém. A ontogênese do desejo faz do eu o detetive do Éden e de todas as coisas supostamente adâmicas que o sucedem.

O *Self-made baby* dará, em princípio, vida ao adulto *Selfless* ou será a personificação do *selfless*, o altruísta, ou melhor, o sujeito avesso ao egoísmo e que quase nunca incorrerá na *hybris* do solipsismo. Destituído de *Self*, o *Selfless*, munido de um eu tão subtraído e com a interioridade danificada pelas partes hostis e entorpecidas, absorvidas pelo leite azul da mãe-morta-em-vida, sempre levará mais em conta o outro, e não tanto a si. O pendor ao masoquismo, a inclinação à devoção, os fervorosos apelos ao sublime e às transcendências sintetizam e definem o feitio de sua singularidade, esmaltada pelas formações reativas.

O ausente de si é o eu que está barrado ao sujeito: a sua apropriação se torna inacessível a quem o porta, em função dos mandatos inconscientes que o agrilhoam e o petrificam no dilema entre ser e não ser. É o *Self* vassalar, está de prontidão e a serviço do outro. Tal proeza acarreta ao *Selfless* a indistinção dos imbróglis e das polissemias do público e do privado. De individualidade coletivizada, a porosidade entre o dentro e o fora faz de seu psiquismo um aparato encriptado e atravessado pela telescopagem⁷ dos conteúdos não elaborados pelos antepassados. A superposição de gerações não dá espaço para a diferenciação e nem para a eclosão de uma identidade liberta do narcisismo dos pais. Como Hamlet, fica tomado pelo *to be or not be?*

Obra de dispersão, o *Selfless* – a mimese do seio morto, associado ao seio fantasma, que nega a dependência originária – não existe, apenas faz aparições. Precisa que o invoquem e o recrutem para arrancá-lo da cápsula ou da crisálida de imaterialidade, caudatária do contrato narcisista da mãe-morta-em-vida, que decretou a negação do eu do bebê.

7 Haydée Faimberg (2000, p. 258) explicou que o trabalho “Telescopagem de gerações”, concluído em 1979, foi discutido em um grupo semanal que mantinha com André Green. E acrescentou: “Em francês e em inglês, a palavra *telescopagem* é uma palavra de uso comum. Refere-se aos objetos que se encaixam entre si, uns dentro dos outros, como as bonecas russas. Em um acidente rodoviário se diz que os automóveis se ‘telescoparam’ uns dentro dos outros. Eu sei que em espanhol e em italiano não existe este termo.”

Diante da multidão, o *Selfless* some e se mimetiza de acordo com as ideologias e as ortodoxias protéticas. O mundo ainda se configura como o avatar do corpo da mãe-morta-em-vida: ele – evolução do *Self-made baby* –, em nome do amor e do temor à retaliação, molda-se, em plena invisibilidade, a ela. Vejo uma simetria ou paralelismo atemporal entre o nãoseio e o nãosujeito⁸, aquele que, desde o começo, assinou um pacto denegativo sem o intuir. O abortado em vida.

O *Selfless* enuncia a liquidez do eu, efeito da refração especular – a ontogênese aberrante que quer reduzir o bebê ao nada pela incorporação do seio morto, representante do conhecimento negativo (- K). É a alegoria da interioridade colonizada por imagos fantasmas ou zumbis, que atacam as ligações de Amor (L), ódio (H) e de conhecimento (K). Consiste no apagado, no *blank space*, no objeto *homeless*, no excêntrico, no *outsider*, no neologismo ambulante, no quase alexitímico, no trabalho pontilhista incompleto à espera e à procura do outro, imbuído de pulsão de vida, que possa objetalar e condensar os traços de sua identidade pulverizada.

O valor do *Selfless* é extrínseco: chega de fora e não se enraíza. Para se livrar dos arroubos niilistas, adere à diplomacia e à doação total para se sentir alguém. É a antítese das volúpias, a caricatura da abnegação, o que nega as vontades efusivas do próprio ser. O bálsamo, a redenção e a compensação das dores vêm embutidos à gratidão do outro. O *Selfless* se comunica por infrassons. É difícil escutá-lo na transferência. Agrada sem denotar o desagrado, concorda sem discordar: a neutralidade azul e uniformiza todas as inflexões emocionais.

Os *Selfless* reverenciam os demais, sem se incluir na equação relacional. Oferecem-se em sacrifício no altar social. Tendem a agir, mundo afora, como tiveram de lidar com as mães-mortas-em-vida: permanentemente cuidando delas para garantir a sobrevivência. A floreação de seu eu tem as marcas da subordinação e da sujeição delibe-

⁸ O não sujeito, nessa proposta, é o que não tem a sua cota de alteridade e, por isso, não sabe qual é o seu desejo e nem que lugar ocupa. Não forma relações complementares: só “quer” servir ao outro.

rada. Ele será, *a priori*, o que faz jus ao desejo do outro e às torrenciais demandas, mesmo que sejam ditatoriais ou tirânicas e, *a posteriori*, o obediente que flerta com as transgressões e se culpa. Vale lembrar que o *Self-made baby* carrega o selo de *made by himself*. Exilado, construiu-se com a quintessência da solidão, no país do tesão sem o amor entre as figuras parentais. Veio sem o amparo da lei de um terceiro e, desgarrado – cidadão da terra dos caprichos e das excitações descarregadas à maneira de atos reflexos –, quer o passaporte para continentes psíquicos que o confortem. *Made in mãe-morta-em-vida*, a partir dos traumas e das desventuras dela, foi engolfado pela díade que o conspurcou. Eu ilustraria a mãe-morta-em-vida com a obra da fase azul de Pablo Picasso, *Head of a dead woman*, de 1902.

Sem a aposta da solidariedade, que implica o outro somado ao sujeito da ação endereçada ao que lhe é estranho e diferente, o outro, reitero, fica em foco: ele não experimenta o sentimento de pertencer. Sem essa dimensão ética, constituinte dos vínculos, o *Self-made baby/ Selfless*, em diferentes temporalidades, sofre por não ter lugar, por não conseguir se apropriar de um território que albergue, no futuro, uma identidade. Não se sente idêntico. Por não ter sido inscrito na cultura e na civilização, será sempre o que fica à margem, alheado, o estrangeiro, o forasteiro sem paradeiro. Assim como não teve lugar no psiquismo da mãe, também não encontra espaço no cosmos. Como nos trouxe Ferenczi (1933), tem um quê de autoplastia hipertrofiada, mas deixa a desejar quando se trata da aloplastia, pois se molda ao *locus* que o outro lhe dá, mesmo que seja apertado ou impróprio. É o que, por desconhecer as reedições dos desejos e o corolário das motivações passionais, não altera a realidade ao sabor de suas conveniências.

Mais tarde, poderá ser o sujeito-*save-from-myself*, o que declara guerra ao desejo assassino da mãe introjetado em si mesmo e tenta destruir o vazio que o ataca das entranhas. A luta inglória contra a mortificação que lhe chegou desde o primeiro hausto de vida se perpetua contra um núcleo representado pela mãe-morta-em-vida, em

seu mundo interno. O *Self-made baby* é a compressão, conjugação ou combinação de partes introjetadas da mãe que se mostram cindidas e separadas, desejos maternos impostos ao bebê. Ela se entremeia em todas as camadas. Sobra pouco para o eu que está esmagado por esses desejos alienígenas, infundidos pelo leite azul.

Em meio a isso, quantas mães foram introjetadas? E quais são elas? O bebê, alvo das deflexões do objeto primário, veio ao mundo para ser o depositário da parte mortificada da mãe. Faz o papel de cozeiro: “nasceu” para enterrar em si a própria mãe. Seu corpo e psiquismo são o féretro e a terra em que jaz a mãe-morta-em-vida, paradoxo insólito que ganhou sentido com a leitura de Green. O autor refere: “A mãe morta é, portanto, ao contrário do que se poderia crer, uma mãe que permanece viva, mas que está, por assim dizer, morta psiquicamente aos olhos da pequena criança de quem ela cuida” (Green, 1988, p. 239).

Para mim, esse conceito, exposto por Green, está grávido dessa ideia que proponho da mãe-morta-em-vida e do *Self-made baby*: ambos se complementam, pois a criança que encontra a mãe-morta-em-vida precisa se ocupar dela para que receba mínimos cuidados. No entanto, a unilateralidade impera. Não há reciprocidade. A mãe-morta-em-vida, nas modulações rítmicas de presença-ausência⁹, não assume o papel de anteparo das excitações e nem proporciona ao bebê os significantes para lidar com as descargas pulsionais. É um monômio: a política que predomina é a do faça-você-mesmo (*do it yourself*). O *Self-made baby* tenta organizar as durações policromáticas das sensações proprioceptivas e cenestésicas a seu modo. Os desdobramentos semiológicos são nefastos.

9 Utilizo o hífen, na maior parte do tempo, para indicar a ligação de paradoxos. No lugar marcado pelo hífen, nos intervalos das oscilações de presença e ausência, de vida e morte, de existência e inexistência, de continuidade e descontinuidade, é que se origina a simbolização. O hífen, por sua vez, simularia, nessa produção, o papel do terceiro, aquele que incute a separação, compõe a triangulação e cria o espaço transicional irmanado à linguagem. Assim, as palavras teriam como útero o hífen: elas mediam, ligam e expressam sentidos às experiências emocionais.

Quando a capacidade de introjeção do mundo fica emperrada ou debilitada, não há mundo dentro de si: só o mais de si, um somatório ou *cluster* de narcisismo de morte. A ausência ou letargia do outro – o que não conseguiu abrigar o bebê em seu íntimo – incita a mecânica de retroalimentação endopsíquica. Entra em cena o simulacro do bebê sábio, retratado por Ferenczi (1933). A tentativa de fazer o reverso e o anverso da *revèriè*, de dar o *holding* ao próprio eu, é o que inaugura o *Self-made baby*, o organismo ou humanoide, sucessor do fracasso da intersubjetividade, talhado para metabolizar as aflições cuja nascente é o seu psiquismo e o da mãe¹⁰ desafetada.

Em contrapartida, quando se trata do conceito da perda do seio, ou da perda do objeto, e inclusive das ameaças relativas à perda ou à proteção do Super-eu e, de uma maneira geral, de todas as ameaças de abandono, o contexto nunca é sanguinário. Evidentemente, todas as formas de angústia vêm acompanhadas de destrutividade, a castração também, já que a ferida é produto de uma destruição. Mas esta destrutividade não tem qualquer relação com uma mutilação sangrenta; ela tem as cores do luto: preto ou branco. Preto como a depressão grave, branco como nos estados de vazio aos quais se dá agora uma atenção justificada (GREEN, 1988, p. 243).

4 REFRAÇÃO ESPECULAR

“E agora quero que me apaguem, que me deem outro rosto e outro destino. Não sei quem será o outro, o que farão comigo, mas sei que não terá medo”

(Jorge Luis Borges)

10 “Por exemplo, quando a mãe ama o filho, que faz ela com ele? Deixando de lado, os meios físicos de comunicação, minha impressão é que expressa seu amor pelo devaneio” (BION, 1966, p. 50).

O estágio do espelho (1949), de Jaques Lacan, situado entre os seis e os oito meses, consiste na unificação, pelo olhar materno ou de quem exerce tal função, de uma imagem antes dispersa e caótica do bebê. O corpo despedaçado (*morcelé*) é subjetivado, e o eu passa a ter uma imagem de si, reconhecida pelo sujeito em relação aos outros. Não é mais *fatiado*.

Aqui, de modo alegórico, uno a física à psicanálise, e destaco o fenômeno da refração, explicado, no campo da óptica, pela descontinuidade da velocidade de propagação da luz em diferentes meios. A mãe, com olhar de Procusto, não dá ao bebê uma imagem que é a dele, mas sim a que sucumbe a um ideal inatingível: o de satisfazê-la em sua impotência e desamparo.

Quando o bebê fica aprisionado à imagem que a artífice mãe engendrou e lhe dispôs à maneira de modelo, a tendência é que não se reconheça mais como indivíduo (fora do *at one* da fusão). Subalterno à prótese ou ao sarcófago que lhe confiaram como pele, metamorfoseia-se conforme o desejo de não ser, infundido pela mãe-morta-em-vida. Esse encaixe ao inumano corresponde à refração especular, que também é um dos meios que inventei para adentrar nas membranas das profantasia.

A separação precoce, o fato de não ter tido o privilégio de ser o objeto de desejo da mãe, torna o bebê ninguém. Lembro-me da Odisseia, de Homero: Ulisses, na caverna de Polifemo, não revela o nome e se intitula de Ninguém. É um disfarce. Com a mãe-morta-em-vida, a situação é parecida. Como o ciclope, ela só volta o olhar monocular para os suplícios que a desnorteiam. O resto se perde: tanto a promessa de dar o que não se tem¹¹, assim como a imagem virtual que a mãe elaboraria do bebê.

No lugar do sujeito, há o impostor, o objeto usurpador da subjetividade: o vulto gemelar da mãe, a sócia ou réplica má, que toma como

11 A frase alude a uma passagem de Lacan (1960-1961, p. 41), que é a seguinte: “A segunda coisa que gostaria de dizer, que vamos encontrar a todo instante e que nos servirá de guia, é que o amor é dar o que não se tem.”

continente um psiquismo frágil e inerme. A mãe, infensa às demandas do bebê, invagina ou reintegra o produto de sua criação. Sufocado ou entranhado pelo caudaloso universo tétrico que conflui com a mãe-morta-em-vida, não sabe que imagem possui. O olhar de espelho está embaçado e só lhe devolve o pálido borrão do que poderia se tornar. Lembrei-me da frase: o camaleão não sabe que cor tem. Talvez essa associação se mescle ao que se passa com a identidade do bebê cujos *inputs* são como cromatócitos, células que contêm moléculas de pigmentos e são dotadas da capacidade de refletir a luz. Nisso, o *Self-made baby* tenta reparar e dar vida à parte morta da mãe.

A refração especular não leva em conta a gama de sensações e emoções que emergem no bebê e nem traduz as comunicações primárias em símbolos compartilhados. É uma vivência de clausura e escassez afetiva. Os descompassos temporais entre um e outro não dão às expressões faciais, por exemplo, o tônus de percepções fisiognômicas palpáveis e inteligíveis. O bebê não entende se está com raiva, triste, feliz, magoado. Por não ser reconhecido em suas paixões, não conhece a gramática de seus arrebatamentos. As ideias, sonhos, sentimentos e desejos não têm território comum. Tudo fica indiscriminado, homogeneizado numa única praxe ou chave anônima. Não há passagem ou transição da palavra para o jogo que ascende ao terceiro e à cultura. A mãe-morta-em-vida, pelas limitações, opera o *handling* sem o *holding*. O bebê, à mercê das insuficiências e incapacidades do objeto de amor, anseia pela infusão de vida psíquica e só recebe o leite azul. Quer sair da condição de corpo biológico, mas a mãe-morta-em-vida não consegue ser a detentora de um saber acerca das necessidades dele. Ela espera posturas autodidatas por parte de seu bebê sem contornos, alienado da própria imagem, *morcelé*.

Ao reconhecer a disritmia e a indisponibilidade da mãe-morta-em-vida, o vulnerável *Self-made baby* – à semelhança do sujeito cognoscente, descrito por Descartes como a entidade que pondera e reflete sobre si – achará expedientes para se alfabetizar, processar e integrar essas

diferentes modalidades táteis, visuais, acústicas, olfativas, gustativas e cinestésicas em unidades de informações decodificadas e subjetivadas. É claro que, pela assimetria entre as experiências de um adulto e os recursos de uma criança, haverá um rombo nessa forma de abrandar as angústias.

Fragmentado, picotado, estragado, ninguém empresta ao *Self-made baby* a cola de Eros. Assim, relegado ao destino urdido pela mãe-morta-em-vida – uma filicida sem o saber –, será aquele que não conquistou o direito à corporeidade ou não teve autorização para existir. De aparência invertebrada ou fantasmagórica, faltam-lhe estofos e imagens que lhes deem sustentação. Aos cidadãos de nenhures, resta a psicose? Ferro, de modo lúdico, comenta como lidar com os analisandos que carregam tais marcas:

[...] não no sentido que nos ocupamos somente da dor, mas de todos aqueles novos que, enquanto estão emaranhados, provocam dor, de todos aqueles teares que, enquanto não estão funcionando bem, não tecem adequadamente as protoemoções/novos que permanecem emaranhados e obstruem, da ausência de teares que dá origem ao caos mental. Portanto, são centrais as contínuas *transferências* (sim exatamente como os ônibus dos grandes aeroportos) que, além de ir do passado para o campo, do mundo interno para o campo (do qual o analisando é um dos lugares), vão continuamente do campo para o mundo interno, do paciente e do campo para a sua história (FERRO, 2011, p. 159).

Dotado de identidade postiça, anda, anêmico de afetos, camuflado. É a mãe-morta-em-vida em pele de bebê, na transferência. É o troféu: foi vencido e executado em vida pelo objeto vampiresco e devastador. Vitória pírrica. Destreinado para captar as perspectivas e as profundidades pertencentes aos que têm a visão binocular, seu

aparelho-coisa-em-si ou aparelho de pensar pensamentos, sem tantas espessuras, está habituado a apreender as planuras e os ângulos unidimensionais e bidimensionais. Tão saturado pelo leite azul, concentrado de elementos-beta, não teve espaço para conter em si o terceiro, o pai. Ele também se perdeu no vórtice pulsional e escópico da mãe-morta-em-vida: ela reteve ou tragou tudo para o seu interior. A mãe-morta-em-vida é ubíqua, suprema, totalizante e tantalizante em suas sentenças sádicas.

Os elementos alfa não são a experiência da coisa em si, mas uma abstração e uma representação dessa, que enquanto se faz simultaneamente representada em ambas as formas consciente e inconsciente, fornece à personalidade uma “visão binocular” da experiência, de onde deriva o ‘sentimento de confiança’ na sua realidade (MELTZER, 1998, p. 73).

Toda a existência é marcada por lutos. Mesmo que não tenham um grau de parentesco com a realidade, impregnam a vida anímica do sujeito e o influenciam cabalmente. As imagens fantasmas ou zumbis, assim nomeadas por mim, alimentam-se do desamparo e incrementam as angústias já presentes no bebê. De onde derivam? De incontáveis fatores, inclusive o da presença invasiva ou da ausência de um objeto amoroso e disponível que pudesse exercer a função de paraexcitação e o agenciamento das ações específicas. Tal experiência, esvaziada de sentido, instaura lacunas que resultam no horror, no desespero e na degeneração das catexias libidinais ulteriores.

A efervescência de representações intrusivas e tóxicas dilapida a vitalidade de seu hospedeiro sem piedade. É o que Green (2010, p. 301-302) chama de uma “[...] situação de excesso de presença pelo fato de sua falta.”. O mundo interno, palco de ameaças constantes, arrola e se concilia aos componentes autoconservativos e tenta, com o auxílio da cisão do eu em desenvolvimento, preservar-se da iminente

mortificação. É provável que a mãe em questão, herdeira das marcas ancestrais de indiferença, só consiga oferecer aos descendentes o mesmo título ou legado que outrora recebeu. A sina se repete com diferentes personagens. A criança que a mãe-morta-em-vida foi agora se avulta, reedita-se e se agita na que está diante de si.

A depressão ou a melancolia lança sobre a maternidade o véu de tristeza que ofusca o potencial criativo dos contatos iniciais. A linguagem emanada pelo primeiro objeto de amor traz o lastro de tormentos e frustrações evacuativas que saturam a malha psíquica do bebê com objetos nômades, bizarros e precipitantes de terrores à revelia. O continente, infiltrado por dores glaciais, não abastecer as faltas e nem supre as vacâncias reinantes com amor.

As sinestésias eróticas e os investimentos libidinais não têm o propósito de unir o que, por natureza, apresenta-se despedaçado e subjugado pela aniquilação. O corpo do bebê espelha a efígie trágica de um vínculo desvitalizado. O olhar estrábico, divergente das urgências inaugurais da vida, cria seres invisíveis, semiapagados e virgens das adorações e reverências que lhe cabiam como majestade e soberano. Destronados desde cedo, enrodilhados pelo narcisismo, nutridos pelo leite azul, mortificados, tais bebês, para sobreviver, inflam-se em onipotência e se aliam às alucinações.

A inanição de realidade, efeito de elos desérticos, erode e depaupera a fé no processo de estruturação de si junto com o outro. Assim, o bebê abandona o papel do sábio que, prestidigitador, desvenda e dá suporte ao objeto que tenta reintegrá-lo ao nada extrauterino e, magicamente, transforma-se no bebê messiânico, o *Self-made baby*: santifica a si mesmo e passa a desdenhar, não por inveja, mas sim pela escassez de recursos do ambiente, o que lhe chega de fora, ao menos por um tempo.

Imerso em endofagia, protesta diante da instituição-mãe e reivindica direitos jamais conquistados. Invoca, na fantasia, a miragem de um seio-cornucópia, e isso apascenta as aflições. Essa última ideia se

opção ao seio morto e ao seio fantasma, por trazer toda a abundância e as substâncias faltantes aos dois.

O mito da autossuficiência leva à indistinção: o eu, alvo da violência de não ser reconhecido em suas necessidades, incorpora o arremedo de objeto e o idealiza para não sucumbir à morte. O preço da adesão de tal dinâmica resulta em impermeabilidade: são os que vivem enclausurados em conchas narcísicas que simulam o útero; os que nasceram sem o nascer, os mortos em vida como o foi a própria mãe; os nadas, os seres espectrais.

O seio errante, volúvel por desgraças desconhecidas, não realiza o desejo de proximidade e de acalento. O desamparo originário cria raízes profundas e floresce a sensação de ser para o outro um estorvo.

A primeira atividade que dá vida àquele Big Bang que é o surgir do mental – na nossa espécie – é a evacuação maciça de estados protossensoriais, protoemocionais por parte da criança. Estas evacuações (elementos β), quando acolhidas e transformadas por uma mente que as absorve e as metaboliza (a função α), aos poucos, são transformadas em pictogramas dotados de significado (elementos α). A mente de quem opera esta transformação não somente transforma o caos protossensorial e protoemocional em figuração emocional, dotada de significado, mas na contínua repetição desta operação também passa “o método” para fazer isso (função α) (BION, 1962, 1963, 1965, 1987¹² *apud* FERRO, 2011, p. 69-70).

O *Big Bang* psíquico do *Self-made baby* implodiu. O que, no fim, é introjetado a partir das projeções iniciais? O laço unidimensional que

12 BION, W. (1962). **Apprendere dall'esperienza**. Roma: Armando, 1972.

BION, W. (1963). **Gli elementi della psicoanalisi**. Roma: Armando, 1979.

BION, W. (1965). **Transformazioni. Il passaggio dall'apprendimento alla crescita**. Roma: Armando, 1973.

BION, W. (1987). **Seminari clinic**. Milano: Raffaello Cortina, 1989.

beira à bidimensionalidade, ou seja, o fractal de um objeto, as partes separadas que repetem os traços (a aparência) do todo completo (padrão repetitivo). O eu abrigará a representação de uma identidade lastreada pelo gérmen da compulsão à repetição.

O objeto primário fragmentado dá ao bebê as partículas evacuadas de sua personalidade e o toma como continente. É o inverso do que se espera. O bebê fica como um receptáculo ou o reservatório da parte psicótica da mãe.

O modelo que proponho para este desenvolvimento é uma psique que funcione com base no princípio de que evacuar um seio mau é sinônimo de obter alimento de um seio bom. O resultado final é todos os pensamentos serem tratados como se fossem indistinguíveis de objetos internos maus; a ideia é que o instrumental adequado seria, não um aparelho para pensar os pensamentos, mas um aparelho para livrar a psique do acúmulo de objetos internos maus [...] (BION, 1994, p. 130).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“- O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço”

(Italo Calvino)

Busquei, ao escrever, uma orquestração jazzística de teorias. Algumas se complementaram, tiveram chamadas e respostas; outras, não. Tentei entrar no tom de toda a tradição psicanalítica, mas percebi que, em várias passagens, construía improvisos atonais e usava indiscriminadamente a *blue note* acompanhada de *swings* polirrítmicos das postulações correntes. A influência que sortidos autores exerceram sobre mim alavancou o furor de criar, sobre as harmonias conceituais já existentes, melodias inesperadas. Não quis nenhuma resolução e, antecipo, nem nota final.

Dentre as composições, surgiram: 1) a mãe-morta-em-vida, que tenta sintetizar e se unir à construção seminal de André Green acerca da mãe morta; 2) o produto da mãe-morta-em-vida seria o *Self-made baby*, a criança, acometida pelo desamparo diferente do da mãe, que precisa sobreviver às angústias que nela convergem; 3) o vínculo que se origina daí é selado pelo fluxo do leite azul, a metáfora do terror sem nome que condensa e desloca as quantidades que não chegam a se transformar em qualidades e nem em *nuances* afetivas; 4) o que a mãe-morta-em-vida oferece é o seio morto, um órgão desvitalizado e desapoderado de libido para investir no objeto; 5) sobra ao bebê interpretar, na pior das circunstâncias, o seio morto como o seio fantasma, ou seja, o objeto parcial presente-ausente a um só tempo, a insígnia da ambivalência e o criadouro das imagos zumbis; 6) soterrado em frustrações, o bebê se vale da onipotência e do triunfo sobre as desgraças que o abatem dentro e fora e alucina o seio-cornucópia, o objeto parcial que imprime o desejo pelo que falta e que põe em andamento a esperança; 7) a mãe-morta-em-vida, por não ter recursos para mitigar os próprios dissabores, não devolve ao bebê uma imagem integrada pelo olhar, até porque não a tem. É o que chamei de refração especular; 8) as marcas dessa experiência, no conjunto de ilações que daí derivam, poderão constituir um *Selfless*, um eu que investe no outro e se aliena. Como se acostumou desde o início a ser um inveterado altruísta, a focar no outro para dar cabo à vida, repete, inconsciente-

mente, o mesmo circuito nos demais relacionamentos; 9) o *Selfless*, mergulhado em um estado agudo de desalento, pode despertar o sujeito-*save-from-myself*, aquele que tenta insuflar vida aos outros, mas, no fim, não tem em si o mesmo vigor. Precisa, por esgotamento, atacar a representação da mãe-morta-em-vida no seu mundo interno para, depois, repará-la ininterruptamente. É o que quer se salvar do próprio eu, cravejado de azuladas adversidades.

Em minha sondagem pelo arcaico, deparei-me com precipitações sensoriais carentes de palavras. Convicto e alinhado à proposta de encontrar os plurais devires heurísticos, subterrâneos às formulações vigentes, apresento ao leitor linguagens e terminologias que têm como nascente a pujança das dinâmicas inconscientes. Nos interstícios, nas dobras, nos desvãos dos conceitos há sempre abismos a serem explorados. Em minhas quedas livres e *flâneries*, compartilhei o que achei.

Mesmo depois dos estribilhos em torno da mãe-morta-em-vida e do *Self-made baby*, as dúvidas ainda ricocheteiam de forma sincopada no autor. Os conceitos apresentados tiveram inúmeras inspirações. Talvez esses seres que beiram à ficção tenham sido invocados pela catarse das múltiplas experiências clínicas que, em suas funduras, revelavam epopeias similares às retratadas aqui. Tais construções e metáforas são vestígios de minha escuta.

REFERÊNCIAS

BION, W. R. Uma teoria sobre o pensar. In: BION, W. R. **Estudos psicanalíticos revisados (*second thoughts*)**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1994. p. 127-138.

BION, W. R. **Os elementos da psicanálise (inclui o aprender com a experiência)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

FAIMBERG, H. SBPdePA entrevista Haydée Faimberg. **Psicanálise**: Revista da SBPdePA, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 249-266, 2000.

FERENCZI, S. (1933). Confusão de língua entre os adultos e a criança. *In: FERENCZI, S. **Psicanálise IV***. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 97-106 (Obras completas, 4).

FERRO, A. Pensamento onírico de vigília e derivados narrativos. *In: FERRO, A. **Evitar as emoções, viver as emoções***. Tradução Marta Petriccioni. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 61- 66.

FREUD, S. (1917 [1915]). **Luto e melancolia**. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011. *E-book*.

GREEN, A. A mãe morta. *In: GREEN, A. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte***. São Paulo: Escuta, 1988. p. 239-273.

GREEN, A. **O trabalho do negativo**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LACAN, J. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu: tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. *In: LACAN, J. **Escritos***. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 96-103.

LACAN, J. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. *In: LACAN, J. **Escritos***. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 807-842.

LACAN, J. (1960-1961). **O seminário**: livro 8: a transferência. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

MELTZER, D. **O desenvolvimento kleiniano III**: o significado clínico da obra de Bion. São Paulo: Escuta, 1998.

NASIO, J. D. **O livro da dor e do amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

The dead-in-life mother and the self-made baby

ABSTRACT

The heuristic concept of a dead mother, developed by André Green, alludes to a state of affective detachment that intensifies the baby's original feeling of helplessness. Some event, concrete or not, devitalizes the inherent qualities of the maternal figure, making it distant and a source of growing anguish. From then on, the happiness experienced so far by the pair is called into question and acquires dismal tones. Now, the baby, without a safe and available container, starts taking care of the object that should do it for him. In order to survive, it creates – taken by an omnipotence hypertrophied by the aridity of the environment – the illusion of supplying itself. Here, in front of a mother-dead-in life, the birth of the Self-made baby, an imitation of a being that tries to animate itself and apply a *sui generis* reverie. Later, in the analysis, due to the force of the repetition compulsion, this stereotypical cliché will tend to re-enact itself in the transference: yesterday's hopelessness will once again be on display in the setting. These ideas are developments of some essays from the contact with the work of André Green in communion with other authors.

Keywords: Dead-in-life mother. Self-made baby. Blue milk. Dead breast. Sinus-cornucopia. Specular refraction. Selfless. Save-from-myself-subject.

Recebido em 22/06/2021

Aprovado em 16/10/2021